

Peyrefitte critica o estatismo de países latinos

**E cita exemplos de
nações em que lucro deixou
de ser pejorativo**

O pensador e ex-ministro francês Alain Peyrefitte fez ontem a crítica do estatismo e do excesso de burocracia nos países latinos, aconselhando os povos a correr, a destacar-se na verdadeira esteira rolante na qual todos estão, sob pena de permanecerem no estado de subdesenvolvimento que caracteriza a maior parte da humanidade e de sua história. "O desenvolvimento é miraculoso e o subdesenvolvimento é o normal", afirmou, referindo-se à riqueza e à democracia econômica e política visível somente num pequeno número de países, em geral de origem protestante e abertos à criação e ao progresso tecnológico. Peyrefitte, ministro de De Gaulle e de Giscard d'Estaing, deputado há várias legislaturas e vice-presidente da Comissão de Relações Exteriores da Assembléia Nacional francesa, presidente do Conselho Editorial do jornal *Le Figaro* e membro da Academia Francesa de Letras, debateu ontem o tema "Liberalismo e Consciência Social" na Federação do Comércio do Estado de São Paulo, com os moderadores Fernando Pedreira, diretor da Redação do *Jornal do Brasil*, e Cláudio Abramo, articulista da *Folha de S. Paulo*.

Em sua palestra e nos debates, manifestou sua crença em que a América Latina não se atrasou em relação a América do Norte por causa da independência, que chegou mais cedo para os Estados Unidos, mas em face do imobilismo dos descendentes dos colonizadores espanhóis e portugueses e da aceitação da hierarquia que caracteriza a Igreja Católica. "As sociedades reformadas, protestantes, correram mais rápido", assinalou, para recordar que, antes da Reforma, eram os países latinos que estavam na vanguarda, e só foram sufocados em face da Contra-reforma.

"Os Estados latinos copiaram a Igreja Romana, e isto se aplica aos seus valores. Hoje, esses países estão começando a sair do marasmo, mas restam resquícios, como a recusa ao lucro, à economia de mercado, o que se justificava pela teologia no momento da Contra-reforma e hoje é justificado pelo marxismo", disse.

Após 30 anos de socialismo, disse Peyrefitte, ficou evidente que o sistema falhou, provocando a ressurreição das idéias liberais. Peyrefitte qualificou o Estado que invade a esfera privada de "usurpador", sugerindo que fique limitado à oferta de segurança interna e externa, às relações internacionais e à promoção do equilíbrio macroeconômico.

"Se o Estado quer cuidar dos doentes, educar as crianças, ocupar-se do emprego e dos alojamentos, está entrando em seara alheia. Esse é um mal multi-secular, e o



Szajman, Peyrefitte e Meira Penna.

socialismo deu-lhe uma forma aguda".

O ex-ministro citou o exemplo dos países que chegaram ao desenvolvimento econômico ou que crescem rapidamente — Alemanha, Japão, Países Baixos, Estados Unidos, Cingapura, Coréia — observando que nessas nações o lucro deixou de ser pejorativo. Aliás, acrescentou, quem lucra não é mais ridicularizado pelos professores na França.

"A economia de mercado é a democracia direta" — afirmou Peyrefitte.

A liberdade, porém, advertiu, nem sempre é confortável, porque a economia de mercado "é como os fatos da vida", ou seja, não é previsível. As pessoas podem preferir esta ou aquela marca de automóvel, manter sua situação ou mudá-la, viver na cidade ou no subúrbio. "As empresas têm que rever constantemente seus planos em face do mercado." O que, afinal, obriga à adaptação.

"E o cliente e não o patrão que impõe a produção. É o acionista e não o patrão que exige o lucro. Parece um anti-sistema, mas é sistema de liberdade. É a constatação de que a economia de mercado é o sistema mais democrático. Não é a burocracia que cria prosperidade."

Peyrefitte teme, porém, que a sociedade latina recuse a doutrina liberal "se ela for longe demais". É possível vender estatais, levar o Estado a gastar menos, desenvolver a concorrência, "mas não podemos admitir a idéia do capitalismo selvagem, em que a luta substitui o paternalismo estatal — isto provoca um frio na espinha dos cidadãos". A doutrina anglo-saxônica, explicitou, "proporciona base mas não pode ser aplicada pura e simplesmente".

Defendendo um pensamento gaullista, o pensador francês propôs a conciliação entre o liberalismo e a coesão social, um conceito hoje amplamente aceito em seu país. "Devemos ficar em guarda contra o liberalismo excessivo. Não há liberdade sem responsabilidade."

Quanto ao Brasil, indagou se o empresário tem suficiente consciência social. "Os assalariados não têm o sentimento de que o Estado os defende contra o empresariado que só quer o lucro? Os assalariados não pensam que nas fases de problemas ocorrerá achatamento salarial e que só o Estado irá defendê-los?" Pois se for assim, advertiu, isto representa um perigo. "O liberalismo não deve dar pretexto ao Estado para intervir. Se as empresas não cuidarem do problema social, o povo volta-se para o Estado."

Antes do início dos debates, Peyrefitte destacou, sob aplauso, as cinco palavras que "adequadamente usadas" podem assegurar a democracia: ordem e progresso; liberdade, igualdade e fraternidade.

Debates

"Não me parece que o capitalismo é natural e o socialismo é artificial. O socialismo não é um sonho, é o estado primitivo das sociedades arcaicas. São sociedades socialistas as sociedades da pedra lascada" — respondeu Peyrefitte à crítica de Fernando Pedreira, de que o socialismo é um sonho.

"O capitalismo — acrescentou o ex-ministro francês — é elaborado, sutil. É um sucesso artificial, fortuito. É uma invenção, a partir de um fluxo perpétuo de novidades. O capitalismo não é natural. O socialismo é mais natural e mais bárbaro. É uma espécie de retorno ao paraíso perdido".

A Cláudio Abramo, que lhe fez uma crítica contundente — desconhecimento da realidade do terceiro Mundo, da miséria e da visão científica da história que caracteriza a interpretação marxista — Peyrefitte lembrou que as afirmações veementes foram solicitadas para evitar o sono da plateia:

"O senhor se engana sobre a natureza do subdesenvolvimento. Parece pensar que o subdesenvolvimento é um escândalo, e que só o desenvolvimento é normal. Se formos estudar esse preconceito, vamos notar que o desenvolvimento é que é miraculoso e o subdesenvolvimento é que é o normal."

Se não admitirmos que é o desenvolvimento o miraculoso, estaremos nos recusando a falar sobre o Terceiro Mundo. A França era subdesenvolvida em 1784 — foi atravessada pela peste, pela fome. A Irlanda passava fome no século XVIII. Epidemia e fome matavam na Europa Ocidental no século XVIII. O desenvolvimento é frágil, recente, artificial. O natural é o subdesenvolvimento".

Peyrefitte afirmou que o Brasil está em vias de sair do Terceiro Mundo. E lembrou que a implantação do calvinismo na Holanda, Inglaterra, Alemanha e Prússia levou para lá os protestantes franceses, "que só podiam expressar-se numa sociedade livre, em que não fossem perseguidos".

"Em 1930 — acrescentou — os judeus da Alemanha e da Áustria foram para os Estados Unidos e lá desenvolveram o programa atômico. E preciso uma sociedade liberal e acolhedora para que os emissários do progresso possam sentir-se à vontade."